



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE ROSEANY COSTA BORGES

**AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA A
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SÃO LUÍS - MA
2020

ALINE ROSEANY COSTA BORGES

**AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA A
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jena Hanay Araujo de Oliveira

SÃO LUÍS - MA
2020

Costa Borges, Aline Roseany.

AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA
A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA / Aline Roseany Costa Borges. -
2020.

47 f.

Orientador(a): Jena Hanay Araujo de Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Estágio supervisionado. 2. Formação acadêmica. 3.
Plantão Psicológico. I. Araujo de Oliveira, Jena Hanay.
II. Título.

ALINE ROSEANY COSTA BORGES

**AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO EM PLANTÃO PSICOLÓGICO PARA A
FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com Formação de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jena Hanay Araujo de Oliveira

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Jena Hanay Araujo de Oliveira (UFMA) – Orientadora

M.^a Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira
(UFMA) – Examinadora

Dr. ° Carlos Santos Leal (UFMA) – Examinador

Dr.° Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA) – Examinador Suplente

Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.

Adélia Prado
Bagagem, 1976.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por ter me sustentado até o momento.

Aos meus avós, que me adotaram como filha e demonstram seu amor de forma tão particular, por todo cuidado, dedicação, apoio e incentivos a minha educação.

Aos meus pais, Fábio e Silva, por sonharem comigo e por acreditarem em mim mais do que eu.

Aos meus irmãos, Fábio Júnior e João, e em especial à minha irmã Lorena, que cuida de mim mesmo longe.

À professora Jena Hanay, pelo apoio, paciência e pela troca de conhecimento que vem desde o estágio. Grata por toda a ajuda.

À professora Francisca Cruz, pessoa doce, com que pude trocar aprendizados e desenvolver carinho enorme.

À Raphaela, Rodrigo e Sávia, amigos que fiz durante o estágio, com os quais pude aprender e dividir as experiências. Cada um tem um espaço único na minha formação acadêmica e na minha vida.

À Yasmin, amiga que fiz durante a graduação e venho, desde então, dividindo as angústias e compartilhando as alegrias. Grata por suas palavras sempre sábias e eficazes que me ajudaram nos momentos difíceis.

À Elaine e Fiama, amigas desde o ensino médio. Obrigada Elaine por me ajudar a perceber que as glórias não vêm sem sacrifícios, pelo seu apoio e sua constante disposição em ajudar. Obrigada Fiama por estar sempre presente, pelas mensagens de incentivo e por todo carinho. Sou grata por permanecerem por todo esse tempo comigo.

À Taynara, amiga para todas as horas, que ouve angústias e torna esta caminhada mais leve. Todos os risos compartilhados, apoio e carinho foram fundamentais nesse processo.

A Paulo e Cauê pelo apoio e força, e por demonstrarem a mim um carinho paternal. Obrigada por todo suporte e conselhos.

RESUMO

Os estágios supervisionados em Psicologia visam preparar os estudantes para o exercício ético e profissional, por meio do aprimoramento de competências características da profissão de psicólogo. Desse modo, tal etapa envolve uma relação harmônica entre elementos centrais do contínuo processo de formação: de um lado, a experiência do professor supervisor e do outro lado o percurso dos próprios estudantes. Nesse contexto, o Plantão Psicológico, enquanto modalidade democrática de atendimento em Psicologia, apresenta-se como um facilitador de aprendizagem, o qual proporciona o desenvolvimento das habilidades do profissional de Psicologia. Além disso, essa atividade de estágio tem grande potencial de promoção e prevenção da saúde, haja vista se assume como uma prática abrangente conhecida por oferecer não só a formação acadêmica, mas também a prontidão e o acolhimento frente às queixas e demandas emergenciais da comunidade, uma porta de entrada das pessoas atendidas à rede de atenção psicossocial. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo geral: investigar, através de um levantamento bibliográfico, estudos sobre experiências de estágio em Plantão Psicológico no Brasil. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica em cinco bases de dados (SciELO, PePSIC e LILACS e Portal de Periódicos CAPES), de trabalhos produzidos no período de 2000 a 2020, representando o intervalo dos últimos vinte anos. A pesquisa utilizou-se dos descritores: “estágio” *AND* “plantão psicológico” e “formação” *AND* “plantão psicológico”. A busca selecionou sete artigos em língua portuguesa, que foram analisados segundo algumas dimensões, tais como: os sentimentos presentes no primeiro atendimento, a relação entre plantonista e cliente/comunidade, as contribuições do Plantão Psicológico para a formação acadêmica de Psicologia e a supervisão e o papel do supervisor no estágio Plantão Psicológico. Verificou-se, portanto, que o Plantão Psicológico proporciona ao estudante de Psicologia a vivência de uma realidade desafiadora, que se diferencia da clínica tradicional e possibilita o desenvolvimento de senso crítico e compromisso social.

Palavras-chaves: Estágio supervisionado. Formação acadêmica. Plantão Psicológico.

ABSTRACT

The supervised internships in Psychology aim to prepare students for ethical and professional exercise, through the improvement of skills characteristic of the psychology profession. In this way, such a stage involves a harmonic relationship between the central elements of the ongoing training process: on the one hand, the experience of the supervising teacher and, on the other hand, the path of the students themselves. In this context, the Psychological Duty - as a democratic modality of care in Psychology - presents itself as a learning facilitator, which provides the development of the skills of the Psychology professional. In addition, this internship activity has great potential for health promotion and prevention, since it is seen as a comprehensive practice known for offering not only academic training, but also readiness and welcome in the face of complaints and emergency demands from the community - a gateway for the people assisted to the psychosocial care network. In this sense, this study aims to investigate, through a bibliographic survey, studies on internship experiences in Psychological Duty in Brazil. For this purpose, a bibliographic review was conducted in five databases (SciELO, PePSIC and LILACS and CAPES Periodical Portal), from 2000 to 2020, representing the interval of the last twenty years. The research used the descriptors: "internship" AND "psychological duty" and "training" AND "psychological duty". The search selected seven articles in Portuguese language, which were analyzed according to some dimensions, such as: Fears and anxieties of the first care, the relationship between student of psychology on duty and client/community, the contributions of the psychological duty to the academic formation of Psychology and the supervision and role of the supervisor in the psychological duty internship. Therefore, it has been verified that the Psychological Duty provides the student of Psychology with the experience of a challenging reality, which differs from the traditional clinic and allows the development of critical sense and social commitment.

Keywords: Supervised Internship. Academic Background. Psychological Duty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 01 Distribuição dos estudos em função da autoria, ano de publicação, título, natureza de publicação e local de estágio.

Figura 01 Procedimentos adotados para seleção dos artigos.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABEB	Associação Brasileira de Ensino em Psicologia
ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
CFE	Conselho Federal de Educação
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DPE-MA	Defensoria Pública Estadual do Maranhão
FFCL-USP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
IES	Instituição de Ensino Superior
IPUSP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SAP	Serviço de Aconselhamento Psicológico
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNITI	Universidade da Terceira Idade
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4.1 A Formação em Psicologia.....	15
4.1.1 Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares Nacionais.....	15
4.1.2 O Estágio Supervisionado.....	17
4.2.3 A Supervisão de Estágio	19
4.2.4 A Formação de Psicólogo e as Demandas em Saúde	20
4.2 Breve Caracterização do Plantão Psicológico	23
4.2.1 O Plantão Psicológico na Universidade.....	27
2 OBJETIVOS.....	29
2.1 Objetivo Geral:	29
2.2 Objetivos Específicos:	29
3 METODOLOGIA.....	30
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
6.1 Os sentimentos presentes no primeiro atendimento	33
6.2 Relação entre plantonista e cliente/comunidade.....	34
6.3 Contribuições do Plantão Psicológico para a formação acadêmica de Psicologia.....	36
6.4 A supervisão e o papel do supervisor no estágio em Plantão Psicológico	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Todo profissional é constituído pela integração de fatores objetivos (profissionais) e subjetivos (pessoais) que influenciam diretamente o desenvolvimento de sua carreira (MAZER; MELO-SILVA, 2010). Dentre esses fatores, a formação acadêmica de instância superior (licenciatura ou bacharelado) se apresenta como crucial para a consolidação da prática profissional.

Nesse sentido, é a partir, sobretudo, dos estágios e da supervisão que o estudante de Psicologia se mobiliza de fato à seriedade e complexidade da função de psicólogo, rompendo gradativa e definitivamente com alguns estereótipos e fantasias do início da graduação, como por exemplo, a motivação de realizar o curso com o desejo de autoajuda e autoconhecimento (AGUIRRE et al., 2000; MAZER; MELO-SILVA, 2010; MELO-SILVA, 1999).

No entanto, as bases curriculares dos cursos de Psicologia são apresentadas por diversos autores como limitadoras, uma vez que possuem ênfase no modelo de atuação clínica tradicional e um caráter excessivamente teórico (FERREIRA NETO; PENA, 2006). Essas deficiências da formação são evidenciadas quando os estudantes se deparam com a *práxis*, exigindo deles uma postura imediata e eficaz perante situações novas expostas pelo estágio.

Para Silva Neto, Oliveira e Guzzo (2017), o estágio supervisionado tem por objetivo preparar estudantes para a inserção no mundo do trabalho e o desenvolvimento das competências próprias das atividades que serão exercidas enquanto profissional. Ao mesmo tempo, essas atividades supervisionadas e desenvolvidas no local de estágio revelam os elementos centrais desse processo de formação: o saber e o fazer do professor supervisor e a experiência dos estudantes.

Dentro desse contexto, o estágio na área da Psicologia da Saúde, por meio do Plantão Psicológico, comparece como um elo importante entre teoria e prática, ao exigir do estagiário tanto uma postura ético-política quanto uma maturidade ao colocá-lo em situações desafiadoras que as atividades meramente teórico-epistemológicas não seriam capazes de abarcar. Além disso, possibilita-se que o aluno ponha em marcha um compromisso social, uma vez que presta serviços a uma determinada comunidade que possivelmente teria dificuldade de acesso imediato a uma escuta psicológica de qualidade. Dessa forma, observa-se a extensão das fronteiras da Universidade com o intuito de formar um profissional integrado às demandas psicossociais contemporâneas da população brasileira (PAPARELLI; NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

Compreende-se assim que o Plantão Psicológico é um espaço que facilita e enriquece o processo de aprendizagem dos múltiplos sentidos e habilidades que compõem o “ser psicólogo” (CURY, 1999; DURANGE, CORDEIRO, 2013; TASSINARI, 2011), mostrando-se como excelente oportunidade para ao enriquecimento da prática profissional.

A modalidade de assistência supracitada também mostra grande potencial de promoção e prevenção da saúde, enquanto uma prática abrangente que consiste em uma modalidade alternativa à psicoterapia e que tem a finalidade principal de proporcionar acolhimento e compreensão do sofrimento urgente ou emergencial da pessoa que o procura, democratizando o acesso à Psicologia como ciência e profissão (CURY, 1999; DURANGE, CORDEIRO, 2013; TASSINARI, 2003).

A experiência de estágio da autora deste trabalho no Plantão Psicológico da UNITI/UFMA, trouxe percepções que apenas a teoria não é suficiente, uma vez que a prática nos coloca em situações nunca imaginadas e nos faz pensar sobre o que se está fazendo e como agir. Foi a partir dessa experiência, cheia de desafios e aprendizados que surgiu o interesse em pesquisar sobre como o estágio pode auxiliar o estudante em sua construção enquanto futuro profissional, quais os desafios fazem parte desse processo, como essa prática de ensino obrigatória foi institucionalizada e como o Plantão pode contribuir nesse processo de construção profissional.

Durante a pesquisa por literatura que embasasse o assunto, identificou-se carência de estudos no que se refere ao estágio em Plantão Psicológico. A maioria das pesquisas encontradas sobre Plantão não focaliza a experiência de estágio ou a visão do plantonista, mas as bases históricas e as características específicas dessa modalidade de atendimento.

Assim sendo, a presente pesquisa se torna relevante do ponto de vista social, de maneira que se propõe como objetivo geral: investigar, através de um levantamento bibliográfico, estudos sobre experiências de estágio em Plantão Psicológico no Brasil. Para contemplar o estudo, foram delineados os objetivos específicos de apresentar as concepções históricas sobre a regulamentação dos estágios supervisionados na formação em psicologia; apresentar histórico-conceitualmente o serviço de Plantão Psicológico; levantar as publicações desenvolvidas sobre estágio supervisionado em Plantão Psicológico nas bases de dados e analisar os principais resultados apresentados por estes estudos.

Procurou-se entender, enquanto problema de pesquisa, a parte que cabe aos estágios em Plantão Psicológico com relação à formação de Psicólogo. Para tanto, foi traçado um delineamento histórico a respeito da regulamentação dos estágios nos cursos de graduação

em Psicologia e foram discutidas as contribuições da experiência prática para a identidade do psicólogo. A partir dessa problemática, faz-se necessário pensar algumas questões norteadoras, tais como: **Quais as dificuldades/facilidades enfrentadas pelos discentes no momento de estágio em Plantão Psicológico? Como o Plantão Psicológico tem influenciado o saber-fazer dos futuros psicólogos?**

Posto isso, no primeiro capítulo, são apresentados os principais documentos referentes à regulamentação do estágio em Psicologia no Brasil, algumas experiências de estágio encontradas em diferentes áreas de atuação, quais as contribuições da supervisão nesse processo e como as demandas em saúde podem contribuir para formação. A finalidade desse capítulo é contextualizar o assunto para que se tenha maior clareza e compreensão dos capítulos seguintes.

No que diz respeito ao segundo capítulo, é apresentado histórico-conceitualmente o serviço de Plantão Psicológico: desde seu surgimento em território brasileiro até suas definições e especificidades. Pretende-se também descrever como o serviço de Plantão Psicológico atende à missão universitária de não dissociar o ensino, a pesquisa e a extensão e como isso beneficia o processo formativo de um estagiário em Psicologia.

E por fim, no terceiro capítulo, é realizada a análise da bibliografia encontrada sobre o tema, isto é, o plantão psicológico inserido no campo de estágio acadêmico. Nesse capítulo, almejou-se discutir as principais contribuições e desafios dessa experiência de escuta em direção a formação de psicólogos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 A Formação em Psicologia

É inegável que a formação acadêmica é um fator determinante para a qualidade do profissional que se entrega à sociedade. No campo da Psicologia brasileira, esse assunto tem ganhado o devido destaque, especialmente desde 27 de agosto de 1962, ao ser sancionada a lei que dispôs sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamentou a profissão de psicólogo (BRASIL, 1962).

Nessa perspectiva, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, assistiu-se à ascensão de pesquisas e debates muito importantes acerca do processo formativo do psicólogo, cuja abordagem predominante se referia às deficiências na sua formação e como isso poderia repercutir negativamente em suas práticas. Dessa maneira, o cerne seria postular as condições fundamentais para uma boa formação, de forma que esta levasse em conta não só o aspecto técnico, mas também a possibilidade de reflexão e posicionamento crítico sobre o próprio saber psicológico (SEIXAS, 2014).

A partir da criação do currículo mínimo para os cursos de Psicologia, houve a instituição da atividade prática em forma de estágio supervisionado como etapa formativa caracterizada como período de treinamento. Posteriormente, nos anos 2000, a formação superior em Psicologia passou a seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), as quais instituíram o conceito de “ênfases curriculares”, que prevê estágios em algum domínio específico da Psicologia nos cursos de graduação e cogita a missão de que cada instituição de ensino forme profissionais comprometidos com dimensões peculiares do contexto socioeconômico e cultural onde a instituição formadora estiver inserida (SILVA NETO; OLIVEIRA, 2015).

Observa-se que desde o período da regulamentação da profissão até os dias de hoje, vários profissionais da Psicologia estiveram e estão preocupados com a formação, o ensino, a prática e o serviço à população, objetivando melhorá-los. Por isso, pretende-se a partir da literatura pesquisada apresentar algumas perspectivas sobre o assunto e através desses autores expor aspectos essenciais, definições, conceitos e perspectivas relacionadas ao preparo do psicólogo para exercício profissional.

4.1.1 Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares Nacionais

Conforme anteriormente informado, o curso de Psicologia foi regulamentado no Brasil em 27 de agosto de 1962, com a Lei nº 4.119/62 (BRASIL, 1962). A partir de então, vários documentos foram elaborados a fim de orientar e sistematizar questões práticas do exercício da profissão (CURY, 2012). Em dezembro do mesmo ano, o Conselho Federal de Educação (CFE), fixou o Currículo Mínimo para os cursos de Psicologia, o qual se tornou modelo para a organização dos cursos. De acordo com Cury (2012), essa resolução situa os estágios como períodos de treinamento prático e supervisionado de caráter obrigatório para a obtenção do diploma de psicólogo.

Este currículo se baseava na transmissão de conhecimentos organizados em um conjunto específico de disciplinas e praticamente não levava em conta ou não se referia ao contexto sociocultural no qual o curso era ministrado. Fruto da preocupação inicial em garantir uma identidade da Psicologia Brasileira, buscou a uniformidade da formação em todo o território nacional (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018).

Diante disso, durante a década de 80, começa um amplo debate a respeito da profissão. O Conselho Federal de Psicologia (CFP), a fim de discutir sobre a formação e o exercício profissional em psicologia no país, promove a primeira grande pesquisa sobre a profissão: o livro “Quem é o Psicólogo Brasileiro?”, que, em resumo, aponta a prevalência de mulheres na profissão e nas práticas clínicas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1988).

Na década de noventa, outros debates foram realizados dando destaque para a segmentação entre teoria e prática, falta de ênfase no aluno, críticas ao modelo tecnicista de formação e a relevância da preocupação com a realidade social brasileira (CURY, 2012; SEIXAS, 2014). A esse respeito, pode-se destacar que um dos principais questionamentos dos debates referentes ao modelo do Currículo Mínimo era que os cursos privilegiavam saberes técnicos *per se* – a título de exemplo, a aplicação de testes psicológicos –, em vez de abrir mais espaço a outras discussões igualmente pertinentes como, por exemplo, assuntos como saúde pública, antipsiquiatria, práticas comunitárias. Era preciso, pois, ter em vista uma formação que desenhasse não apenas o eixo pragmático da profissão de psicólogo, como também suas vertentes de criticidade, politização e contextualização sociocultural (CURY, 2012; SANTOS, NOBREGA, 2017).

Outro documento fundamental para a formação em psicologia é a Carta de Serra Negra, a qual foi desenvolvida no I Encontro de Coordenadores de Curso de Formação de Psicólogos, realizado em Serra Negra – São Paulo, pelo CFP, no ano de 1992 (BRASIL 2010). A Carta de Serra Negra depreende alguns aspectos importantes, tais como: a

subjetividade compreendida no entrelaçamento de suas múltiplas dimensões; o compromisso social e ético com a realidade brasileira; a pluralidade de aportes teóricos, campos e práticas; a interdisciplinaridade; a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; a postura reflexiva.

Em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), cuja orientação às Diretrizes Curriculares era conferir maior autonomia para as Instituições de Ensino Superior (IES) na definição dos currículos de seus cursos. Portanto, ao invés do sistema de currículos mínimos, no qual eram detalhadas as disciplinas que deveriam compor cada curso, esperava-se que fossem propostas linhas gerais capazes de definir quais competências e habilidades pretendia-se desenvolver (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018).

Atualmente os cursos de graduação e seus respectivos estágios são orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que foram implementadas em 2011 pelo Ministério da Educação (MEC, 2011). As DCN substituem o Currículo Mínimo, que permaneceu em vigor por mais de quarenta anos. Segundo Santos e Nóbrega (2017), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) foram fundamentais, pois proporcionaram mudanças significativas no currículo mínimo, sobretudo na forma como o estágio é organizado. A partir delas, os estágios supervisionados dos cursos de graduação em Psicologia estão vinculados aos desafios práticos que direcionam o desenvolvimento de habilidades e competências referentes ao exercício da profissão.

4.1.2 O Estágio Supervisionado

De acordo com as DCN, os estágios supervisionados constituem-se num conjunto de atividades programadas e supervisionadas por professores das IES, que procuram assegurar, consolidar e articular as competências estabelecidas. Os estágios têm por objetivo proporcionar ao aluno o contato com situações, contextos e instituições a fim de permitir que conhecimentos, habilidades e atitudes sejam concretizados em ações profissionais.

A Carta de Serviços sobre Estágios e Serviços-Escola – elaborada pelo Conselho Federal de Psicologia, Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP) e Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) - define o estágio como um:

(...) conjunto de atividades supervisionadas realizadas em situações reais de vida e de trabalho, por um estudante regularmente matriculado em curso de graduação nessa área. Tem por objetivo desenvolver a aprendizagem profissional e sociocultural da(o) estudante, sob a responsabilidade e coordenação da instituição de ensino (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 8).

Conforme o mesmo documento, os estágios se dividem em duas modalidades: obrigatórios e não obrigatórios. Os estágios obrigatórios são deliberados pelo projeto político-pedagógico, que organiza o funcionamento, as atividades e a carga horária do curso, tal qual orientado pelas DCN (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013). Essa modalidade de estágio se estrutura atualmente em dois níveis – o básico e o específico.

Os estágios básicos têm como objetivo fazer com que o estudante desenvolva competências e habilidades previstas no núcleo comum de formação. Esse núcleo estabelece uma base hegemônica para a formação no país e engloba a capacidade de lidar com conteúdo da Psicologia. Já o estágio específico tem por objetivo o desenvolvimento de práticas integrativas, habilidades e competências ligadas a uma das ênfases curriculares. As ênfases curriculares dizem respeito a um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades ligadas a algum domínio da psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Os estágios não obrigatórios são atividades opcionais e complementares à formação, que estão submetidas às mesmas regras técnicas e éticas dos estágios obrigatórios. Para que sejam realizados, devem estar de acordo com o projeto pedagógico, acompanhados efetivamente por orientador da instituição de ensino e obrigatoriamente supervisionado pela parte concedente (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Diante disso, espera-se que os estágios supervisionados, independentemente do formato, consigam ser capazes de preparar os estudantes para a inserção no mundo do trabalho e de desenvolver as competências próprias das atividades que se exercerá enquanto profissional (SILVA NETO, OLIVEIRA, GUZZO, 2017).

Um ponto significativo percebido por Santos e Nobrega (2017) é o estágio como um momento de aprendizado, no qual se pode errar e acertar. A partir da pesquisa que elas realizaram com seis estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) por meio de dois encontros de grupo focal, constatou-se que as participantes puderam, durante o estágio, aprender novas formas de relacionamento, estratégias para resolução de problemas, além de elementos para a compreensão da profissão. Ao verem-se perante desafios, as participantes tornaram-se conscientes de suas limitações e das condições de trabalho, e assim buscaram, em seus grupos de estágio, discutir e repensar as hipóteses e as ações tomadas (SANTOS; NÓBREGA, 2017).

Outrossim, Machado (2014) desenvolveu uma pesquisa sobre as estratégias criadas pelos estagiários para intervir no momento de supervisão. Descreveu-se que o desafio de exercer o posicionamento crítico desde os processos institucionais vividos durante os

estágios requer a desconstrução de uma forma de pensar que se construíra ao longo da graduação. Segundo esse autor, a motivação crítica pretende transformar o campo social e isso se faz no campo relacional das forças, o que exige aberturas e disposições para criar conexões de sentido, de afeto e de maneiras de pensar. Em outras palavras: “Os estagiários podem transformar as situações que habitam, ampliando as conexões que possibilitem criar diferenciação em processos cristalizados” (MACHADO, 2014, p.11).

Essa postura reflexiva que parte do aluno pode também ser incentivada pela outra face do estágio, isto é, o momento de supervisão; nela o supervisor terá um papel relevante, o qual será abordado no item a seguir.

4.2.3 A Supervisão de Estágio

A supervisão é uma atividade que faz parte do estágio, prescrita como obrigatória e fundamental para a formação do psicólogo. Neste tópico, pretende-se apresentar algumas concepções encontradas na literatura sobre este processo e demarcar algumas competências que dizem respeito ao professor supervisor.

A supervisão pode ser definida como um processo didático-pedagógico por meio do qual um profissional, alguém mais experiente em prática e conhecimento oferece orientações a um estagiário, alguém em formação acadêmica. Desta forma, a supervisão proporciona prática, formação e capacitação. Vale destacar que neste processo, além das atividades específicas dos estagiários, estão envolvidas competências docentes que abrangem dimensões teóricas, metodológicas e técnicas, éticas e políticas que precisam ser consideradas (AGUIRRE et al, 2000; SILVA NETO, 2014).

Segundo Oliveira e Silva Neto (2015), um ponto fundamental na supervisão é o ensino. Contudo, além de envolver o processo de ensino-aprendizagem, a supervisão é afetada por aspectos subjetivos presentes na formação do estagiário e do supervisor. Barletta (2016) aponta que as relações que se estabelecem entre aluno e supervisor se diferem da entre aluno e professor. De acordo com a autora, na relação entre supervisor e supervisionando a proximidade é maior, pois cada um expõe seus pontos fortes e fracos. As funções do supervisor são diversas e complexas, este se apresenta como um facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento profissional.

A figura do supervisor apresenta-se como um modelo importante para qualificar o estágio. A relação que este profissional estabelece ajuda o estagiário na construção de sua identidade profissional e na maneira como atuará (BARLETTA, FONSECA, DELABRIDA, 2012). Desta forma, além de ser responsável por inserir o aluno no mercado de trabalho e por

apresentar as práticas profissionais, ao mesmo tempo, cabe ao supervisor possibilitar que os estudantes sejam capazes de criar e recriar durante esse processo (PINHEIRO, DARRIBA, 2010). É fundamental também que o supervisor seja capaz de manejar as angústias e sofrimentos entre os estagiários, as práticas psicológicas e as instituições que os acolhem (SEI; PAIVA, 2011).

Destaca-se que o papel do supervisor acadêmico na formação em Psicologia, e na supervisão, tem sido problematizado e entendido segundo lógicas de abertura para o estranhamento e a possibilidade de não se saber tudo da teoria nem da prática de estágio em questão. Supervisor e supervisão precisam incentivar a reflexão sobre saberes e práticas, mas sem objetivar a resolver o problema da identidade profissional dos estudantes, e sim sustentando condições para que as categorias que compõem a vida e o trabalho sejam consideradas quando se parte para o exercício da Psicologia na sociedade contemporânea (SÁ et. al., 2010)

Paparelli (2005) ressalta que apesar da questão da técnica ser imprescindível, deve-se atentar para o papel do supervisor que está além do preparo técnico, pois é um trabalho que exige amadurecimento profissional e pessoal. Segundo a autora, o supervisor é um sujeito constituído de experiências internalizadas que norteiam e determinam sua própria identidade profissional e que, por muitas vezes, terão que ser refreadas em função do seu papel de supervisor. Nesse sentido, a autora também pontua que se deve considerar o compromisso social e político presente na supervisão, uma vez que a atuação do psicólogo como supervisor de estágio não se limita apenas às questões técnicas.

A intenção neste tópico foi apresentar a supervisão de estágio como vetor importante para a formação do psicólogo, mostrando que este momento não se limita apenas a teoria e prática ou de um lugar que enfoca estreitamente na aquisição de competências, mas que, principalmente, possibilita a conquista de uma atitude em relação às práticas nas quais o aluno estagiário está inserido.

4.2.4 A Formação de Psicólogo e as Demandas em Saúde

Durante a regulamentação da profissão não havia muitas áreas de atuação, estas se limitavam a Psicologia Clínica, Escolar e Industrial. Contudo, a partir da década de 1970 novas áreas são incorporadas, dentre elas, a Psicologia da Saúde e Psicologia Social, elucidando a necessidade de se repensar a formação do psicólogo (RIBEIRO; LUZIO, 2008). Neste tópico, serão apresentadas algumas características da Psicologia da Saúde e sua relevância na formação de psicólogo.

No que se refere ao trabalho do psicólogo na saúde, pode-se destacar que este profissional está direcionado a identificar como a pessoa vivencia o seu estado de saúde ou doença com ela mesmo e com o contexto social ao qual está inserida. Desta forma, esse profissional tem por objetivo principal fazer a pessoa incluir em seu projeto de vida, atitudes que a levem promover a saúde e prevenir a doença, além de aperfeiçoar técnicas de enfrentamento no processo de ajustamento ao adoecer, à doença e suas possíveis consequências (BARROS, 2002; TEIXEIRA, 2004).

Formada por um campo multidisciplinar, o trabalho de outros profissionais dentro dessa área é imprescindível. A Psicologia da Saúde dialoga com ramos das ciências sociais e da saúde, incluindo: antropologia médica, sociologia médica, ética médica, política social, economia, epidemiologia, medicina, cirurgia e odontologia (PIRES, BRAGA, 2009). Desta forma, pode-se destacar que uma das especificidades dessa abordagem é a comunicação que estabelece com outras disciplinas, uma vez que utiliza os conhecimentos das ciências biomédicas, da Psicologia Clínica e da Psicologia Social Comunitária (CASTRO; BORNHOLDT, 2004).

O trabalho dessa área, então, ultrapassa o âmbito médico-hospitalar, dando ênfase também às intervenções sociais, pois objetiva capacitar a própria comunidade para ser agente de transformação da realidade, ensinando a lidar, controlar e melhorar sua qualidade de vida. (GONZALEZ-REY, 1997). Desta forma, o psicólogo necessita estar capacitado e, para isso, é imprescindível que a formação acadêmica lhe dê as bases necessárias para atuar. Essa formação não deve se limitar apenas à teoria e à técnica, pois o psicólogo precisa ter compromisso social, ter preparo para lidar com os problemas de saúde de sua região e condições de atuar em equipe com outros profissionais (CASTRO; BORNHOLDT, 2004).

No entanto, Paulin e Luzio (2009) pontuam que a formação nos cursos de Psicologia, em sua maioria, ainda não tem capacitado os profissionais para trabalhar na saúde pública, uma vez que ainda estão, predominantemente, dentro de uma proposta de clínica tradicional, sem um arcabouço teórico e crítico que lhe permitam desenvolver um trabalho mais qualificado. As autoras evidenciam uma crítica antiga, destacando que a Psicologia ainda se encontra voltada apenas para atendimentos individuais em consultórios particulares, onde os tratamentos são prolongados e de custo mais elevado.

Concomitante a isso, Dimenstein (2000) apresenta que a formação possui um *déficit* não apenas nos conhecimentos da realidade da saúde brasileira, mas também na participação em pesquisas e em políticas de saúde. Castro e Bornholdt (2004), destacam que esse tipo de formação deficiente distancia o aluno e o profissional das demandas sociais, não

os habilitando para lidar com o sofrimento físico, sofrimento psíquico, a injustiça social, a fome, a violência e a miséria, trazendo por consequência uma falta de assistência às classes menos favorecidas, uma vez que o tratamento clínico gratuito encontrado em instituições públicas e serviços-escola ainda não abarca as necessidades da maioria da população.

Como alternativa a essa formação, Dimenstein e Macedo (2012) apontam sugestões que visam melhorá-la, tais como: o aumento do número de disciplinas relacionadas à saúde pública e à reforma psiquiátrica nos cursos de Psicologia, a capacitação profissional com técnicas específicas e a abertura de mais postos de trabalho na rede assistencial. Desta forma, a formação deve tornar o aluno capaz de realizar análises a respeito das necessidades sociais e de saúde da população, proceder à escuta e à intervenção sobre os processos psicológicos e psicossociais mobilizados pelas condições de vida e projetos de futuro da população, além da capacidade de articulação com as redes de serviços para operar práticas de cuidado mais integradas em saúde.

No item a seguir será apresentada uma modalidade de atendimento psicológico que contribui para o crescimento e desenvolvimento dos estudos em saúde na formação do acadêmico de Psicologia.

4.2 Breve Caracterização do Plantão Psicológico

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento que se originou em 1969, no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). O objetivo inicial do serviço era o oferecimento de um espaço de estágio para os alunos do curso de Psicologia do IPUSP. Contextualmente, a criação do Plantão se mescla com o início do reconhecimento da Psicologia enquanto profissão no Brasil e da sua busca por identidade (MAHFOUD, 2013; MORATO, 1999; ROSENBERG, 1987).

Inicialmente o SAP não possuía *status* de serviço de atendimento propriamente dito e se encontrava como atividade subordinada à disciplina “Aconselhamento Psicológico”, que era ministrada pelo professor Oswaldo de Barros Santos em uma sala da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCL-USP (MORATO, 1999; ROSENBERG, 1987).

Em 1968, após a desocupação da FFCL-USP, transferiu-se o serviço para a Clínica Psicológica e, em 1969, com a transferência de todos os departamentos de Psicologia para a Cidade Universitária, o SAP tornou-se de fato um serviço de atendimento psicológico gratuito à comunidade, recebendo as contribuições da professora Rachel Léa Rosenberg (MORATO, 1999; ROSENBERG, 1987).

Na visão de Mahfoud (2013), a professora Rosenberg foi a principal figura responsável pelo desenvolvimento do serviço de Plantão Psicológico. Ela propôs, por exemplo, uma nova forma de realizar as inscrições no SAP para reduzir as longas filas de espera, argumentando que o acesso não poderia se limitar à dimensão burocrática, uma vez que o momento em que a pessoa busca ajuda já é possivelmente rico em elaborações psicológicas.

A escuta acolhedora era realizada por estudantes da graduação em Psicologia, e esse trabalho ficou bem conhecido em São Paulo, de sorte que em qualquer período do ano as pessoas interessadas poderiam frequentar um atendimento psicológico gratuito e qualificado (MAHFOUD, 2013).

Embora esse formato de atendimento tenha sido criado no Brasil, é provável que a professora Rachel Rosenberg tenha se inspirado na prestação de serviços das *Walk-in Clinics*: modelo institucionalizado nos Estados Unidos, nos quais médicos e psicólogos se

disponibilizavam para atendimento urgente de clientes, sem necessidade de agendamento (SOUZA, 2010).

Por volta da década de 1980, o Plantão Psicológico foi ganhando novos contornos. Nesse período, as experiências de atendimento começaram a ser sistematizadas para a formação de um modelo de atendimento específico com uma proposta mais clara. Desse modo, Rosenberg organiza um Serviço de Plantão Psicológico no Instituto Sedes Sapientiae. E em 1987 é lançado o livro “A vivência de um desafio: Plantão Psicológico”, o primeiro material que sistematizou a proposta, sob organização do professor Miguel Mahfoud (ROSENBERG, 1987).

Dessarte, em se tratando de definir o Plantão Psicológico, consideremos que consiste em um:

(...) tipo de atendimento psicológico que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração predeterminada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato (ou quase exato) de sua necessidade, para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros Serviços (TASSINARI, 2003, p.11).

Quanto ao reconhecimento social e científico desse serviço, destaca-se que o Plantão não pretendia substituir a psicoterapia, visto que são modalidades de cuidado psicológico diferentes. Na psicoterapia, é preciso agendar o atendimento com o psicólogo e a sessão tem tempo de duração pré-estabelecido; já no Plantão, a procura dos clientes pelo atendimento é espontânea, não havendo necessidade de marcar um horário específico, nem a pré-determinação do tempo de atendimento (SOUZA, 2010).

A prática do Plantão Psicológico tornou-se comum em universidades, funcionando geralmente em serviços-escolas. Nesses ambientes, os profissionais responsáveis pelo atendimento psicológico ficam à disposição das pessoas que o procuram espontaneamente em local, horário e dia preestabelecidos (CARNEIRO, 2019). Cada serviço cria, portanto, seu próprio *modus operandi*, que vai desde os meios de divulgação (flyers, folders, banners, sites, redes sociais, rádio, televisão – respeitadas as orientações éticas de divulgação de serviços psicológicos) até as condições das relações intra, extra e interinstitucional (SOUZA, 2010).

Após procurar o atendimento, a pessoa não será submetida a uma entrevista ou algum tipo de triagem para entrar numa fila de espera, ela será atendida prontamente. Diferente da psicoterapia, que prevê um acompanhamento por um período mais longo, no Plantão, o cliente tem um número limitado de possibilidades de retorno, podendo retornar de duas até quatro vezes. Como os retornos não são estabelecidos previamente, o cliente tem a

liberdade para escolher se e quando irá retornar, não sendo necessariamente atendida pelo mesmo plantonista (CARNEIRO, 2019).

O Plantão não segue o padrão de duração de uma sessão de psicoterapia, que dura geralmente cinquenta minutos, podendo ser mais ou menos que isso. Assim, quando o atendimento se dá em serviços-escolas nas universidades, aparentemente ele se assemelha ao local de uma psicoterapia, visto que acontece em um consultório. No entanto, a flexibilidade em vários de seus aspectos marca a diferença dele para a psicoterapia, tornando-o uma modalidade de atendimento atraente para psicólogos atuantes em instituições de saúde e educação (CARNEIRO, 2019).

Essa modalidade de atendimento requer que o profissional se “desfaça” de seu lugar de especialista para atuar como mediador, visando acolher a pessoa e sua experiência. Dessa maneira, busca-se uma compreensão da situação imediata, uma relação sem julgamentos e uma escuta sensível e empática, além de uma disposição em ajudar (MORATO, 2004; TASSINARI, 2003).

Ainda sobre a postura do plantonista, Mahfoud (1999) aponta que esse serviço requer uma abertura ao não planejado, a observação atenta para conhecer, o ouvir profundamente para facilitar a expressão do que há de mais significativo a ser trazido, estar realmente presente, disponível, e atender à mobilização do que pode surgir a partir disso.

Outra postura necessária é a atitude de “ficar à espera”. Tal atitude converge com a etimologia da palavra “plantão”, que vem do francês *planton*, e significa planta nova, sentinela fixa, ou ainda, militar que cumpre ordens de um oficial superior. Outro sentido vem do verbo “plantar”, originário do latim *plantare*, que significa introduzir um vegetal na terra para criar raízes, isto é, ficar parado, estacionado (TASSINARI, 2003).

Apesar de o Plantão incluir a catarse, ou seja, um momento onde a pessoa poderá liberar suas angústias e tensões, não se limita a ela, haja vista o propósito do serviço que objetiva maior compreensão da pessoa e de sua situação imediata, de tal modo que o profissional responsável pelo atendimento conduzirá o cliente a possibilidades não exploradas anteriormente. Esse espaço se constitui como uma forma de promoção e prevenção de saúde, uma vez que possibilita que a pessoa visualize e verbalize sua urgência, diminuindo sua ansiedade e angústia e, se necessário, busque uma segunda ajuda (TASSINARI, 2003).

Na modalidade de atendimento psicológico em questão, não se prioriza a resolução da problemática trazida (em outros termos, não é escutada a queixa por si só). A pedra angular do trabalho é, pois, a pessoa – como um todo que se desvela por meio de suas

expressões, atitudes, emoções e comportamentos –, tendo em vista lhe conferir autonomia (CURY, 1999):

A eficácia do serviço prestado em um Plantão Psicológico não utiliza como parâmetro o grau de resolutividade do problema, pois não prioriza como foco do atendimento a queixa em si, mas sim, a pessoa, compreendida como um todo que se revela em suas formas características de expressão, matizes de comportamento, atitudes e emoções, visando proporcionar-lhe autonomia frente a queixa situacional (CURY, 1999, p. 119).

Ainda sobre o atendimento, o término do processo acontece quando, além do plantonista, o próprio cliente tem clareza de sua demanda. Caso contrário, é aconselhável outra sessão. Cabe ao plantonista orientar o cliente quanto a isso, dando-lhe as informações necessárias para compreender a instituição, as alternativas que ela oferece, bem como esclarecer-lhe outras possibilidades de recursos disponíveis na comunidade. E em seguida, faz-se o encaminhamento (CURY, 1999).

Tal escuta psicológica de urgência pode ser estabelecida em diversas áreas e locais de atuação. De acordo com o levantamento de Souza (2010), no cenário nacional hodierno, ela acontece em instituições de ensino superior (IES) públicas e privadas, creches, penitenciárias, delegacias, tribunais de justiça, grêmios estudantis, condomínios residenciais, centros de formação, empresas, abrigos, hospitais (de emergência e psiquiátricos), centros de promoção da cultura e do esporte, associações de grupos minoritários, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e centros comunitários.

À vista disso, plantonista e pessoa atendida, conjuntamente, buscam na vivência imediata desta, as potencialidades que precisem ser desveladas – a escuta e o interesse do plantonista em ajudar o cliente desempenham função primordial. Ao ser acolhida por intermédio das atitudes facilitadoras do plantonista, a partir da relação intersubjetiva estabelecida com este, a pessoa experiencia um ambiente de segurança que facilita a abertura a novas possibilidades de compreensão de si, e começa então a integrar elementos que estavam fragmentados em seu ser, iniciando um processo de mudança (SOUZA; SOUZA, 2011).

No que se refere aos embasamentos teórico-metodológicos, a maioria dos trabalhos científicos publicados sobre a atividade em Plantão evidencia que é predominante a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), cujo criador foi o teórico estadunidense Carl Rogers (1902-1987). No entanto, a literatura informa que a atenção psicológica pontual também tem sido viabilizada com base em outras abordagens psicológicas, tais como a Psicanálise, a Psicodinâmica, a Cognitivo-Comportamental e a Fenomenologia (PAPARELLI, 2005).

Com relação à atuação do psicólogo frente às demandas socioculturais, a atividade do Plantão Psicológico possibilita repensar o exercício da profissão, permitindo que o psicólogo em formação entre em contato com a comunidade diretamente, indo a ela e experimentando o seu papel de agente transformador da estrutura social (TASSINARI, 2003). A seguir, tratar-se-á de forma breve como o Plantão Psicológico atende à missão universitária de não dissociar o ensino, a pesquisa e a extensão e como isso beneficia o processo formativo de um estagiário em Psicologia.

4.2.1 O Plantão Psicológico na Universidade

Sabe-se que a Extensão Universitária tem um caráter relevante no desenvolvimento dos saberes clínicos e da postura profissional do psicólogo em formação. Desta forma, o Plantão Psicológico apresenta-se como uma prática presente em diversas universidades, fomentado a partir da oferta de estágio curricular em cursos de Psicologia, em íntima relação com a extensão universitária (SCORSOLINI-COMIN, 2015).

Na UFMA, existem dois projetos de extensão que incluem o Plantão Psicológico. O projeto de extensão localizado no CEB Velho, próximo a Universidade da Terceira Idade (UNITI) e o projeto de extensão localizado na Defensoria Pública do Estado (DPE-MA) e no Núcleo de Extensão da Vila Embratel.

O projeto de extensão “Atenção Psicológica a Adultos e Idosos: contribuições da Psicologia à UNITI/UFMA”, em funcionamento desde 2012, é coordenado atualmente pela prof^a Jena Hanay Araújo de Oliveira que recebe estagiários e extensionistas de Psicologia. A experiência nesse projeto tem incentivado o desenvolvimento de alguns trabalhos acadêmicos, dentre eles um capítulo de livro em circulação nacional que apresenta o Plantão Psicológico enquanto espaço de promoção de saúde e qualidade de vida para idosos, e monografias sobre a experiência dos plantonistas, os quais foram tanto extensionistas quanto estagiários do projeto (MONTEIRO, 2016).

O projeto de extensão “Plantão Psicológico Centrado na Pessoa: Democratizando o acesso público à Psicologia”, em funcionamento desde 2017, é coordenado pela prof^a Claudia Aline Soares Monteiro. Inicialmente os atendimentos eram realizados no núcleo de esportes da UFMA, mas em 2018, o projeto obteve parceria com a DPE-MA, possibilitando sua expansão. Os atendimentos clínicos são realizados por psicólogos voluntários e estudantes extensionistas do curso de Psicologia sob a supervisão dos professores Edson Bezerra e Claudia Aline Monteiro (MONTEIRO, 2016).

Geralmente as Extensões Universitárias em Plantão estão vinculadas aos serviços-escolas ou clínicas-escolas. Nesses locais, a proposta de trabalho é de um Plantão Psicológico que vise proporcionar aos estudantes de Psicologia um primeiro contato com as dificuldades, superações e desafios da clínica psicológica, promovendo articulação da teoria oferecida em sala de aula com a prática psicológica (ROSÁRIO; KYRILLOS NETO, 2015).

De acordo com Schmidt (2004), o Plantão nesses locais tem sido uma forma de consolidar a crítica do serviço-escola enquanto lugar que se restringe para o treino e aplicação de modelos e técnicas psicológicos, aderindo desta forma a uma intensa institucionalização e burocratização das formas de transmissão do saber e das práticas de atendimento psicológico. Esse contraponto crítico tem como base, justamente, incluir o que a autora nomeia de espírito investigativo em conjunto com a pesquisa como mediadores cruciais na articulação entre formação e atendimento à comunidade. A prática do Plantão Psicológico tem como uma de suas metas a constituição dos serviços-escolas como lugar de criação, onde a reflexão teórica, a pesquisa empírica e a experiência de atendimento são concebidas como esferas indissociáveis.

De acordo com Scorsolini-Comin (2015), as universidades são as instituições que o Plantão encontra mais abertura para o desenvolvimento de suas práticas. Na pesquisa feita por este autor, que realizou uma revisão integrativa da literatura de 2000 a 2014, com o objetivo de conhecer as principais pesquisas e intervenções dessa modalidade de atendimento, o Plantão Psicológico encontra-se como uma das modalidades mais executadas nos serviços-escolas. Resultado este devido aos bons atendimentos realizados e da possibilidade de atenção a um grande número de pessoas em sofrimento ou que demandam atendimento de urgência.

Scorsolini-Comin (2015) aponta que nos estudos, as descrições dos serviços são mais frequentes que as menções a núcleos de pesquisa. Segundo o autor, os relatos de experiências em serviços-escolas presentes nos estudos não aparecem, necessariamente, associados a uma disciplina de formação no campo do aconselhamento psicológico ou do Plantão. Caracterizando-se assim como uma modalidade de atendimento ensinada nas universidades de modo aplicado, a partir das experiências obtidas no estágio.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

a) Investigar, através de um levantamento bibliográfico, estudos sobre experiências de estágio em Plantão Psicológico no Brasil.

2.2 Objetivos Específicos:

- a) Apresentar as concepções históricas sobre a regulamentação dos estágios supervisionados na formação em Psicologia;
- b) Apresentar histórico-conceitualmente a modalidade de atendimento em Plantão Psicológico;
- c) Levantar as publicações desenvolvidas sobre estágio supervisionado em Plantão Psicológico nas bases de dados
- d) Analisar os principais resultados apresentados por estes estudos.

3 METODOLOGIA

O trabalho realizado trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa. De acordo com Flik (2009), esse tipo de abordagem é a mais eficaz para adentrar em situações que não são facilmente quantificáveis, ou seja, em situações particulares e subjetivas do dia a dia. Para o autor, a pesquisa qualitativa permite: a escolha de métodos e teorias adequados, o reconhecimento da diversidade e perspectiva dos participantes, flexibilidade do pesquisador, variedade de métodos e abordagens.

A presente pesquisa consiste num levantamento bibliográfico de literatura mediante a busca de artigos publicados em bases eletrônicas indexadoras. Os procedimentos de revisão ocorreram entre agosto e novembro de 2020. A busca se delimitou a estudos publicados em quatro bases eletrônicas: SciELO, PePSIC, LILACS e Portal de Periódicos CAPES, produzidos entre o período de janeiro de 2000 a novembro de 2020. A escolha dessas bases deu-se pelo fato de possibilitarem a pesquisa por meio da combinação de descritores, além de apresentarem extenso volume da produção científica nacional.

A pesquisa foi desenvolvida através dos descritores estabelecidos previamente, sendo eles: “estágio” *AND* “plantão psicológico”, “formação” *AND* “plantão psicológico” considerando artigos escritos em língua portuguesa, produzidos no Brasil dos anos de 2000 a 2020. A seleção destes termos se deu baseada em palavras-chave utilizadas em artigos publicados sobre o estágio em Plantão Psicológico.

Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) estudos que tratassem do Plantão psicológico enquanto experiência ou relato de estágio; (b) artigos indexados em língua portuguesa no período de 2000 a 2020.

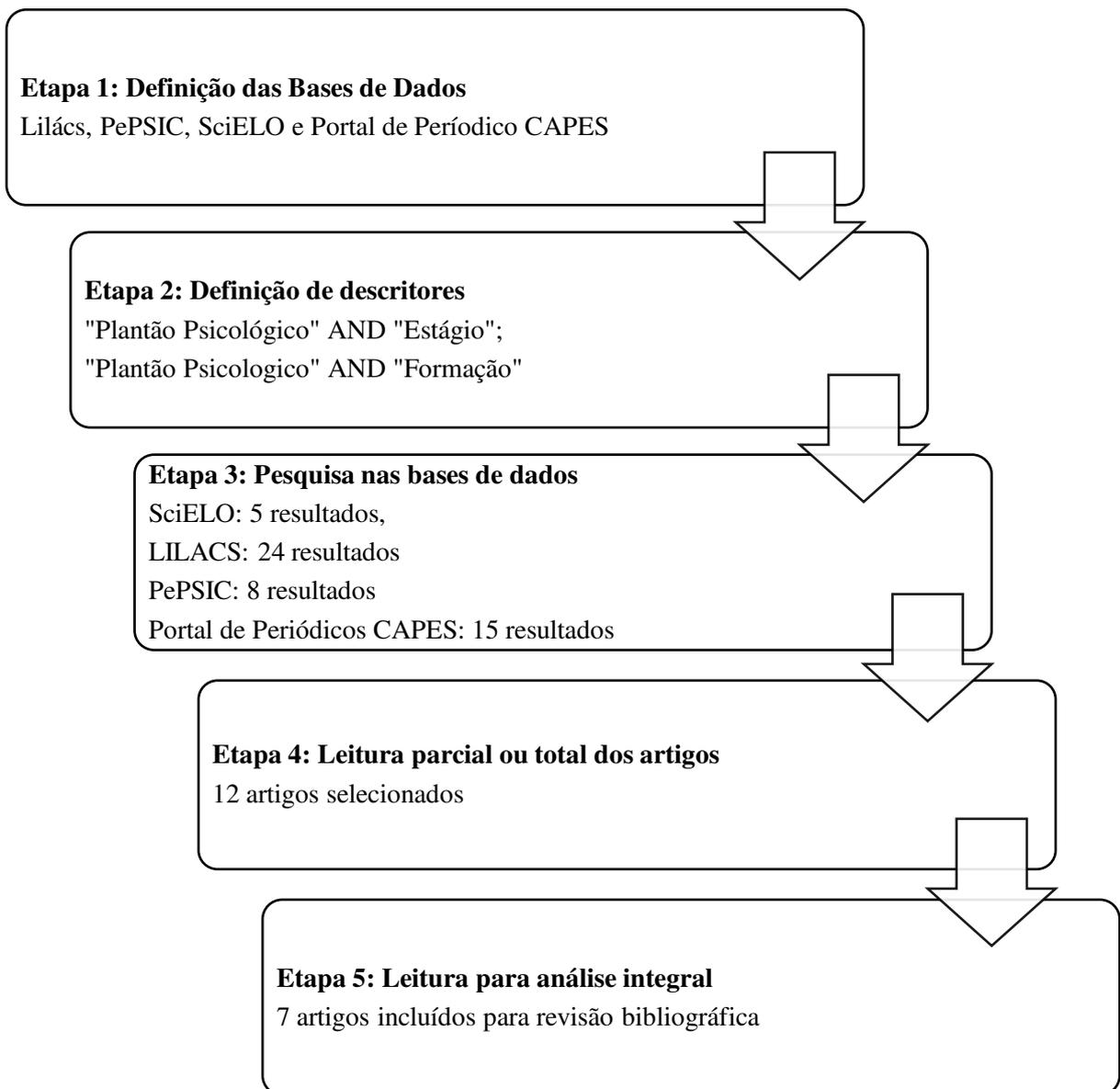
Os critérios de exclusão dos artigos para a presente pesquisa foram: (a) artigos que tratassem sobre estágio, mas que não falassem sobre Plantão Psicológico; (b) artigos sobre Plantão, mas que não tratassem sobre estágio; (c) artigos escritos fora do período preestabelecido ou em outro idioma; (d) artigos que se repetiam.

As pesquisas nas bases de dados encontraram 5 resultados no SciELO, 24 resultados na LILACS, 8 resultados no PePSIC e 15 Portal de Periódicos CAPES. Posteriormente, os artigos tiveram os seus títulos e resumos lidos, com o objetivo de incluir ou excluir alguma publicação de acordo com os critérios estabelecidos previamente para a pesquisa. Após esta etapa de verificação de títulos, resumos e ano de publicação, foram selecionados inicialmente 12 artigos, com base nos critérios de inclusão.

Posteriormente foi realizado uma nova etapa de análise, onde ocorreu a leitura parcial ou total dos artigos, sendo selecionadas 7 pesquisas como produto da revisão bibliográfica, as quais foram analisados segundo as dimensões: os sentimentos presentes no primeiro atendimento, relação entre plantonista e cliente/comunidade, contribuições do plantão psicológico para a formação acadêmica em Psicologia e a supervisão e o papel do supervisor no estágio em Plantão Psicológico

Os dados foram quantificados e transformados numa imagem (Figura 1), possibilitando assim uma melhor visualização dos resultados adquiridos.

Figura 1 – Procedimentos adotados para seleção de artigos



6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o levantamento de artigos publicados em bases eletrônicas, que abordavam o tema de estágio em Plantão Psicológico, publicados no período de 2000 a 2020, encontrou-se um total de 12 artigos que foram selecionados com base nos critérios de inclusão. Após a leitura integral ou parcial das produções selecionadas, 7 artigos foram incluídos no presente estudo de revisão. A seguir, o quadro 1 reúne informações quanto o ano de publicação, autores, título e local de estágio.

Quadro 1 – Distribuição dos estudos em função da autoria, ano de publicação, título, natureza de publicação e local de estágio.

	Autor(es)	Ano de publicação	Título	Local de estágio
1	Paparelli e Nogueira-Martins	2007	Psicólogos em Formação: Vivências e Demandas em Plantão Psicológico	Serviço-Escola
2	Chaves, Henriques	2008	Plantão Psicológico: de frente com o inesperado	Serviço-Escola
3	Dantas, Dutra, Alves, Benigno, Brito e Barreto	2016	Plantão Psicológico: ampliando a Possibilidade de Escuta	Serviço-Escola
4	Staliano, Silveira, Vanz e Navarro	2017	Plantão Psicológico na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados	Serviço-Escola
5	Braga, Farinha, Souza Filho e Oliveira	2019	Experiência de Estagiários em Plantão Psicológico em Hospitais: formação e ação clínica	Hospitais
6	Soares	2019	Plantão Psicológico Gestáltico - A Escrita de uma Experiência	Serviço-Escola
7	Nunes, Morato	2020	O Estágio De Atendimento Nos Anos Iniciais: Experiência Com Plantão Psicológico	Serviço-Escola

Fonte: A autora (2020).

A partir da literatura analisada, observa-se que seis dos sete estudos realizados se concentram na experiência de estágio em serviços-escola. É possível observar que nesses

locais o estágio se mostra como um espaço que oferece atendimento gratuito ou de baixo custo à comunidade, otimizando as filas de espera e formando o corpo discente dos cursos de Psicologia para uma atuação profissional condizente com o território onde está inserido (CHAVES, HENRIQUES, 2008; DANTAS et. al, 2016; NUNES, MORATO, 2020; PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007; SOARES, 2019; STALIANO et. al, 2017).

Como explanado no capítulo anterior, o plantão em serviços-escolas possibilita tanto o treinamento dos estudantes estagiários por meio da aplicação da teoria aprendida, como a oferta de atendimento à comunidade. Esse treinamento deve contribuir para a formação de profissionais habilitados e capazes de desenvolver as práticas psicológicas de acordo com demandas sociais, políticas e culturais da atualidade (HERZBERG, 1999).

Foi averiguado que a literatura apresenta a experiência de estágio em Plantão Psicológico como um ambiente de aprendizagem cercado de desafios que rompem com o conforto de saberes estáticos obtidos através da teoria e despertam diversas reações nos estudantes, como veremos logo a seguir.

6.1 Os sentimentos presentes no primeiro atendimento

De acordo com o estudo de Paparelli e Nogueira-Martins (2007) que realizaram uma pesquisa de caráter qualitativo por meio da técnica de grupo focal, numa amostra de 38 estagiários do curso de Psicologia de uma universidade particular de São Paulo, o plantão psicológico proporciona ao estagiário vivenciar uma realidade pouco conhecida e, em vários momentos, temida e sentida como desafiadora. As entrevistas realizadas pelas autoras revelaram que os alunos tiveram sentimentos como ansiedade, medo, satisfação, crítica e insegurança, emoções comuns principalmente nos atendimentos iniciais. Nessa pesquisa, diz-se que a ansiedade ocorre pela expectativa criada em relação aos atendimentos, pelo desconhecimento da queixa e pelo receio da crítica durante a supervisão (caso não consigam descrever a demanda numa linguagem técnica e apropriada).

Por sua vez, a insegurança se expressa no contato inicial com o cliente, devido ao receio de se perder durante os atendimentos, não sabendo como falar, de se emocionar ou se envolver demasiadamente com a queixa, de errar e de ser mal avaliado nas supervisões (NUNES, MORATO, 2020; PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007; SOARES, 2019).

De acordo com Chaves e Henriques (2008) que trouxeram algumas experiências do estágio em Plantão Psicológico na Clínica-Escola de Psicologia da Universidade de Mogi

das Cruzes em São Paulo, lidar diretamente com o inesperado também trouxe medo para a estagiária, sobretudo porque a atuação no plantão não vem de um modelo definido com antecedência, isto é, planejado, como outros tipos de estágios em modelos terapêuticos tradicionais.

Desta forma, essas sensações de medo surgem devido às especificidades desse tipo de estágio, principalmente por ele prescindir da capacidade de lidar com o inesperado e/ou com a possibilidade de vivência única de atendimento, características que se diferem de outras práticas em que o estagiário pode atender o mesmo cliente durante mais de um semestre e possivelmente deter alguma informação prévia em prontuário (CHAVES, HENRIQUES, 2008; STALIANO et al., 2017; PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

Para Aguirre (20015), a ansiedade que pode emergir sob forma de medo ou preocupação (não se apresentando de forma demasiada e prejudicial) indica, sobretudo, interesse pela nova tarefa, podendo se apresentar como uma condição que impulsiona o aluno a se preparar para os primeiros atendimentos. Essas sensações diminuem a partir do momento que o estagiário começa a aceitar que insegurança é perfeitamente cabível na primeira vez que se faz algo, e também nos momentos em que são esclarecidos os aspectos que despertam maior ansiedade.

6.2 Relação entre Plantonista e Cliente/Comunidade

Sobre a relação estabelecida entre plantonista e cliente, Dantas et al. (2016) frisam que o encontro dialógico permite que o cliente apreenda o movimento de ampliação e contextualização de si. Desta forma o estagiário deve estar sempre disponível para escutar e voltar a atenção do cliente aos sentidos que são reconstruídos nessa relação de confiança, sem protagonizar o “problema” do cliente por si só. O estagiário deve estar atento à demanda da pessoa atendida em seus aspectos históricos, sociais, pessoais, respeitando o contexto de desenvolvimento do cliente, a fim de realizar uma intervenção mais efetiva.

Concomitante a isso, Chaves e Henriques (2008), afirmam que existe uma troca intersubjetiva que ocorre através do diálogo entre o estagiário e o cliente, possibilitando, a partir da fala do cliente, a produção dos sentidos. Desta forma, cabe ao plantonista ouvir o que é dito pelo cliente, pois a pessoa atendida, através de sua fala, consegue descrever as angústias, trazendo mais tranquilidade naquele momento único.

Ademais, na concepção de Braga et al. (2019), o diálogo entre plantonista e paciente torna evidente o sentido dado à experiência e ajuda na ressignificação do discurso do paciente, aliado ao diálogo com outros profissionais, abrindo caminho para a escuta mesmo em contextos predominantemente pautados pelo modelo biomédico. Foi constatado, nesse estudo, que a universalização do cuidado em saúde, por meio do Plantão Psicológico, permitiu ao estagiário ampliar sua perspectiva para os múltiplos aspectos do cuidado, proporcionando a difusão de práticas humanizadas em saúde.

Segundo Aguirre (2015), o cliente tem um papel importante, pois participa ativamente de todo o processo. Sua participação começa quando dá voz às suas preocupações, dificuldades e receios para alguém disposto a ouvi-lo, com a finalidade de conhecê-lo, compreendê-lo e julgá-lo. Ao perceber isso, ele se sente confortável e confiante para falar. Propiciar ao paciente a segurança da continência, da compreensão não valorativa e da ética que inclui o sigilo é o principal objetivo ao se iniciar um atendimento.

Nunes e Morato (2020), que discutem a primeira experiência de quatro plantonistas no projeto de Plantão Psicológico numa Clínica-Escola Universitária, enfatizam que esse tipo de estágio destaca a ideia de encontro único, com início meio e fim, desvinculado da noção de processo de terapia. No entanto, esse encontro pode permanecer em um atendimento ou se desdobrar em mais retornos ao plantão. A partir das experiências dos estagiários, foi possível refletir que, havendo um único atendimento ou mais, cada retorno pode ser pensado como um encontro diferente do anterior, mesmo que sejam os mesmos plantonistas. Como um dos estagiários coloca “atender no plantão é sempre lidar com uma coisa nova que aparece” (NUNES, MORATO, 2020, p.9).

Para Soares (2019), que apresenta um relato sobre sua experiência de criação de um campo de estágio numa IES do Rio de Janeiro, as práticas de atendimento rompem com uma visão individualista do psicólogo, que desqualifica a capacidade do cliente de produzir conhecimento a partir das suas próprias vivências, ao considerar que cada atendimento pode operar como uma criativa construção de realidade única, singular, que remetem a efêmera condição do ser humano.

No que se refere ao estágio em plantão psicológico como um espaço que permite atentar as necessidades da população, alguns autores que compuseram este levantamento bibliográfico destacaram a importância do estágio em plantão psicológico para a formação de um profissional de saúde mental apto às demandas sociais e com posicionamento crítico diante da realidade social à qual leva seu saber científico.

No tocante ao papel social exercido no Plantão Psicológico, Staliano et al. (2017) pontuam que este tipo de serviço permite que o atendimento psicológico se torne acessível a uma parcela da população que não tem condições de custeá-lo em instituições privadas. Segundo os autores, o plantão psicológico inserido no ambiente de clínica-escola equilibra a formação de estudantes ao atendimento comunitário gratuito e eficiente

Braga et al. (2019), pontua que o contato com a dimensão psicossocial da queixa tem profunda influência no processo de formação. Ser colocado frente a frente com elementos socioeconômicos e institucionais da ação psicológica na saúde favorece o rompimento com uma visão de sujeito apartada do contexto. Abre-se espaço para discussões formativas sobre temas como postura na relação clínica, transdisciplinaridade, conexões entre dimensão psicológica e corpo. Entrar em contato com novas formas de atuação permite que os estagiários adotem uma postura mais reflexiva e uma perspectiva mais ampla acerca da sua profissão.

6.3 Contribuições do Plantão Psicológico para a formação acadêmica de Psicologia

Ainda sobre os desafios do plantão e como eles repercutem no estagiário, Staliano et al. (2017), que apresentam um relato de experiência de um projeto de extensão aliado a uma proposta de estágio desenvolvido com 53 acadêmicos de Psicologia, destacam que o plantonista precisa reunir competências teóricas e técnicas desenvolvidas durante o curso para conseguir acolher de forma empática a demanda do cliente. Dessa forma, os estudantes começam a construir sua identidade como futuros psicólogos, entrando em contato com situações e casos potencialmente transformadores, em contraposição a um saber estático acerca da prática profissional.

Desta forma, o estágio pode ser caracterizado como um período de transição da vida acadêmica para o mundo do trabalho, oportunizando aos estudantes reconhecerem as potencialidades e limitações da práxis da profissão, assim como reafirmar a escolha pela Psicologia. O contato com o trabalho, as resoluções de problemas e a interação com os atores sociais presentes em contextos de trabalho, permite ao estagiário compreender os saberes e linguagens inerentes à sua profissão.

Segundo Braga et al. (2019), que realizaram uma análise de 48 diários de bordo elaborados por acadêmicos de Psicologia durante o estágio em dois hospitais de uma cidade no sul de Minas Gerais, o plantão psicológico aproxima os estagiários dos obstáculos institucionais e das dificuldades das pessoas atendidas, auxiliando os estudantes na percepção

da clínica enquanto lugar além do intrapsíquico. Os resultados apontaram para a necessidade do estabelecimento de relações institucionais mais claras e adequadas ao processo formativo entre as universidades e as organizações em que as atividades de estágio são desenvolvidas, de modo que, o processo de integração e inserção dos estudantes nesses espaços seja facilitado. Além disso, o plantão psicológico realizado nessas instituições pode despertar nos alunos a responsabilidade de reelaborar suas referências de atendimento, tendo em vista o enriquecimento da formação (BRAGA et. al., 2019).

Soares (2019) no decorrer de seu percurso enquanto supervisora dos plantonistas e nas múltiplas implicações que a condução do seu projeto de estágio proporcionou, entendeu que não há modo único de se fazer plantão, o que faz dele “uma clínica de diversidade, de inclusão, uma clínica de possibilidades ampliadas” (p.1013). A partir do estudo realizado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), pôde observar que o plantão tensionava, problematizava e fortalecia as conexões entre a clínica e a educação, pelo fato desse campo de estágio e pesquisa suscitar a urgência de discutirmos os serviços-escolas na graduação em Psicologia como um espaço de escuta institucional.

Braga et al. (2019) apresentaram que os relatos dos estudantes no diário de bordo apontaram o plantão psicológico como espaço de aprendizagem, reflexão e criação de novas propostas de intervenção. A partir disso, o plantão psicológico foi essencial para se questionar o papel do psicólogo, auxiliando na compreensão da ação psicológica a partir do contexto da experiência, abrangendo tanto a dimensão subjetiva do cliente como as condições concretas em que ele se encontra.

As exigências de maior flexibilidade para a práxis psicológica, lidando com atravessamentos institucionais, contato constante com situações de adoecimento e risco, ambientes abertos e impossibilidade de determinação prévia de horários de atendimento, trouxe diversas repercussões para a formação. As possibilidades interventivas foram ganhando sentido à medida que o estagiário se propôs a experienciar o contexto. Assim, a experiência de estágio promove um deslocamento de uma visão tradicional, para outra mais atenta à complexidade das demandas, requerendo o questionamento das próprias experiências, a integração multidisciplinar, a reflexão sobre o paradigma prevalente na instituição, o conhecimento de aspectos orgânicos, informações sobre os dispositivos de saúde, entre outros, atribuindo um modo mais holístico de se conceber a atenção em saúde (BRAGA et al., 2019).

No que se refere às deficiências teóricas durante a formação, Paparelli e Nogueira-Martins (2007) apontam que o estagiário busca sanar essas deficiências na prática

profissional, repensando-as. Na linha discursiva das autoras, é necessário avivar o debate sobre o papel da universidade na elaboração de teorias e técnicas: os serviços-escola, especificamente, em sua função com a sociedade, precisam continuar desenvolvendo ampla reflexão sobre essas práticas, tornando a pesquisa, o ensino e a extensão – congruentes à cena social e orientado à construção de um lugar de debate e investigação de práticas legitimamente mais humanas.

O Plantão permite aos discentes repensar antigas práticas, ampliar seu repertório profissional e discutir alternativas de atuação profissional adequadas ao atual contexto da sociedade. Por isso, o serviço apresenta-se atualmente como formador importante dos profissionais de Psicologia. Assim, o trabalho em Plantão Psicológico se revela uma modalidade psicológica que rompe o conforto de saberes e práticas assegurados, trazendo para a discussão a necessidade de se questionar práticas exercidas junto a população e o modelo de Psicologia instituído (PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

Segundo Soares (2019), o Plantão proporciona aos discente um deslocamento de realidade, estimulando-os a problematizarem suas próprias práticas clínicas, e sair da visão acadêmica tradicional engessa suas condutas. Desta forma, os estagiários são estimulados a se perceberem como “fazedores” de Psicologia, comprometidos com o respeito à diversidade dos modos de existir e das queixas trazidas pelas pessoas atendidas. Como supervisora, Soares (2019), ressalta que se dedicou a criar condições para que o estágio seja embasado nas sensibilidades para ouvir, ser ouvido, ver, ser visto, objetivando proporcionar mútuo suporte nesse período de aprendizagem, vivida tanto de forma singular, quanto grupal.

6.4 A supervisão e o papel do supervisor no estágio em Plantão Psicológico

Já naquilo que tange à supervisão, Papaparelli e Nogueira Martins (2007) argumentam que esse momento se mostrou como um local de “reasseguramento” para os estagiários, onde puderam trocar experiências e reduzir a ansiedade, ampliando a disponibilidade para vivenciar o papel do psicólogo e aumentar a visibilidade da atuação psicológica. Outro aspecto importante é o estabelecimento de confiança, instituído pelo supervisor, o qual colabora para o desenvolvimento do papel de plantonista, diminuindo os aspectos negativos dessa vivência. Desta forma, o supervisor cria condições favoráveis à reelaboração do que foi aprendido permitindo que o aluno participe de forma ativa.

O espaço de supervisão apresenta-se como meio para trabalhar muitos pressupostos com os estagiários, tais como o medo de intervir de forma incorreta ou de se

apresentar como onipotente para o cliente. A supervisão também apareceu como um lugar reconfortante para o estagiário se situar após o atendimento, às vezes como espaço de discordância e incômodos onde o plantonista pode entrar em contato com as especificidades do exercício profissional, abrindo espaço para a angústia trazida pelas características próprias dos atendimentos (NUNES; MORATO, 2015).

Para a maioria dos estagiários, a experiência acadêmica da supervisão é nova e requer adaptação. Esse grupo de trabalho formado por um supervisor e por um número de alunos também tem por objetivo realizar o estudo de caso ou psicodiagnóstico dos clientes atendidos (AGUIRRE, 2015).

Neste enfoque de trabalho, levar em conta os sentimentos que a situação de atendimento e de supervisão desperta é essencial. Contar com um supervisor e com colegas para acolher e compartilhar ansiedades ligadas ao atendimento pode ser uma experiência reconfortante e esclarecedora. Para isso, é necessário que vá se criando um clima de cooperação de tolerância e apoio entre esse grupo (AGUIRRE, 2015).

Dessa maneira, a presença do supervisor como mediador contribui para o delineamento de um primeiro debate sobre a solução mais adequada ao caso, aproximando o aluno de uma forma de pensar clinicamente, fazendo-o refletir sobre a ética da prática psicológica e possibilitando que ele compreenda possíveis erros e administre acertos. (PAPARELLI; NOGUEIRA MARTINS, 2007).

Para Nunes e Morato (2020), as supervisões apareceram como um momento favorável para que o plantonista pudesse “compreender o Plantão a partir do modo como ele pôde compreender-se no atendimento” (p.9) descobrindo dessa maneira como ser psicólogo. A supervisão também se apresentou como lugar confortável para o estagiário se situar depois de realizar o atendimento, mas também como lugar para discordar. Nesses encontros, o plantonista pôde entrar em contato com as especificidades que envolvem o fazer psicológico.

Nunes e Morato (2020) perceberam, a partir dos relatos dos plantonistas estagiários, que, embora a supervisão possa ser individual, ela pode ser muito rica se acontecer num espaço comum de compartilhamento de experiências, onde estagiários e supervisores podem participar. Deste modo, a supervisão surgiu nos relatos como espaço privilegiado para o plantonista debruçar-se sobre o seu fazer, descobrindo-se e ressignificando modos de atender.

A partir dos estudos analisados, foi possível perceber como o Plantão pode contribuir para formação e desenvolvimento de habilidades e competências, despertando sensações novas para os estagiários, ao mesmo tempo em que rompe com estruturas antigas

que ainda se fazem presentes. Mostra-se também, desde sua fundação no Brasil, como uma proposta que alia o atendimento a comunidade e a formação profissional, configurando-se uma modalidade eficaz de aprendizagem para o discente de Psicologia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a Psicologia, enquanto profissão, esteve atenta ao desenvolvimento de uma formação que preparasse profissionais qualificados para a prática psicológica. Desde o currículo mínimo e a criação das DCN, tinha-se a preocupação de estar formando profissionais que atendessem a população de forma qualificada. Por isso, várias discussões foram e são realizadas a respeito da formação acadêmica, a importância das disciplinas, dos estágios (básico e específico), da supervisão, da pesquisa e da extensão.

Ao longo desse estudo, pôde-se caracterizar o estágio como um espaço que facilita e enriquece o processo de aprendizagem e a prática das habilidades que compõem o exercício do saber psicológico, a partir do desenvolvimento de uma maturidade pessoal e profissional. Esse momento é cercado de situações desafiadoras que só a prática pode proporcionar. Desta forma, pode-se definir o estágio supervisionado como um período importante na vida do estudante, pois permite aprimorar saberes adquiridos durante a graduação.

O Plantão Psicológico surge, então, na maioria dos estudos, associado a práticas de extensão em serviços escolas, como possibilidade de estágio, ou seja, ao mesmo tempo que possibilita a prática de saberes adquiridos pelos discentes, também proporciona atendimento gratuito para a população. Desta forma, apresenta-se como um elo que une a pesquisa, o ensino e a extensão, mostrando-se como relevante material de estudo (DURANGE, CORDEIRO, 2013; CURY, 1999; TASSINARI, 2011).

Na presente pesquisa, através dos estudos analisados, percebeu-se que o estágio em Plantão se apresenta para a maioria dos estudantes como uma experiência nova, um ambiente de aprendizagem cercado de desafios, que rompem com o conforto de saberes estáticos obtidos através da teoria, e que despertam diversas reações nos estudantes como por exemplo a ansiedade diante do desconhecido e do inesperado (NUNES, MORATO, 2020; PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007; SOARES, 2019).

Diante dessa nova etapa, o estagiário plantonista depara-se com a necessidade de reunir as competências teóricas e técnicas aprendidas durante o curso, objetivando agora acolher as demandas trazidas pelo cliente, atentando aos aspectos históricos, sociais, pessoais, respeitando dessa forma o contexto de desenvolvimento do usuário, a fim de realizar uma intervenção efetiva (STALIANO et. al., 2017).

No que se refere à formação, o Plantão permite aos discentes repensar antigas práticas, ampliar seu repertório profissional e discutir alternativas de atuação profissional adequadas ao atual contexto da sociedade e, por isso, o serviço apresenta-se atualmente como

formador importante dos profissionais de Psicologia. Assim, o trabalho em Plantão Psicológico se revela uma modalidade psicológica que rompe o conforto de saberes e práticas assegurados, trazendo para a discussão, a necessidade de se questionar práticas exercidas a população e o modelo de Psicologia instituído (PAPARELLI, NOGUEIRA-MARTINS, 2007).

Outro aspecto importante apresentado nas pesquisas levantadas foi o Plantão Psicológico enquanto espaço que permite atentar para as necessidades da população. Alguns estudos destacaram a importância do estágio em Plantão para a formação de um profissional de saúde mental apto às demandas sociais e com posicionamento crítico diante da realidade social à qual leva seu saber científico. Observou-se que, nesses locais, esse serviço permitiu que o atendimento psicológico se tornasse acessível a uma parcela da população que não tem condições de custeá-lo em instituições privadas (BRAGA et. al, 2019; STALIANO et al., 2017).

Considerando o foco deste trabalho, as pesquisas que discorrem sobre este assunto devem ser ampliadas, garantindo assim maior visibilidade desta modalidade de assistência psicológica. Bem como as práticas em estágios, a formação de psicólogos, devem ser questionadas e avaliadas para que novas demandas sejam atingidas. Desta forma, propõe-se como sugestão mais estudos e pesquisas que envolvam o estágio em Plantão Psicológico e como essa modalidade pode agregar na formação de futuros profissionais da área.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, A. M. B. et al. A formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n.1, p. 49-62, 2000.
- _____. A. M. B. A primeira experiência clínica do aluno: ansiedades e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. In: SANTEIRO, T. V.; ROCHA, G. M. A. (Orgs). *Clínica de Orientação Psicanalista*. São Paulo: Vetor, 2015.
- BARROS, T. M. Psicologia e Saúde: Intervenção em Hospital Geral. **Aletheia**, São Paulo, v. 10, p. 115-120, 2002.
- BRASIL. Lei Nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. **Diário Oficial da União**, 1962.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 07 de jun 2019.
- BRAGA, T. B. M. et al. Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 1, p. 99-112, jan. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 dez. 2020.
- BARLETTA, J. B.; FONSÊCA, A. L. B.; DELABRIDA, Z. N. C. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 14, n.3, p. 153-67, 2012.
- CARNEIRO, V.T. Plantão psicológico: uma modalidade clínica no Serviço de Psicologia da UFRB. In: AIRES, S.; KURATANI, S (Orgs). **O serviço de psicologia na universidade**. 2 ed. - Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019.
- CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, set. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Dez. 2020.
- CHAVES, P. B; HENRIQUES, M. H. **Plantão Psicológico**: de frente com o inesperado. **Psicol. Argum**, São Paulo, v. 26, n.53, p.151-157, 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA. **Carta de Serviços sobre estágios e serviços- escola**. 1. Ed, Brasília: CFP, 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia**. São Paulo: CFP, 2018.

CURY, B. M. **Reflexões sobre a formação de psicólogo no Brasil**: A importância dos estágios curriculares. 2012. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas, Belo Horizonte, 2012.

CURY, V. E. Plantão Psicológico em Clínica Escola. In: MAHFOUD, M. (Org.). **Plantão Psicológico**: Novos Horizontes. São Paulo: Editora C. I., 1999.

DANTAS, J. B. et. al. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 232-241, 30 jul. 2016.

DIMENSTEIN, M. A Cultura Profissional do Psicólogo e o Ideário Individualista: implicações Para a Prática no Campo da Assistência Pública à Saúde. **Estudos de Psicologia**, v. 5, n. 1, 2000, pp. 5-121.

DIMENSTEIN, M.; MACEDO, J. P. Formação em Psicologia: requisitos para atuação na atenção primária e psicossocial. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. spe, p. 232-245, 2012.

DURANGE, W. T; CORDEIRO, A. P. S. Plantão Psicológico: dimensão pós-clínica, uma Psicologia da saúde. In: TASSINARI, M.A.; CORDEIRO, A. P. S.; DURANGE, W. T. (Orgs). **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. Curitiba: CRV, 2013.

FERREIRA NETO; PENA, Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, p. 381-390, 2006.

FLICK. U. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FERNANDES, L. F. B.; MIYAZAKI, M. C. O. S; SILVARES, E. F. M. Caracterização da supervisão em um centro formador de Psicologia da Saúde. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 32, n. 3, p. 499-509, set. 2015.

GONZALEZ-REY, F. Psicologia e Saúde: Desafios Atuais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, n. 2, 1997, pp.275-288.

HERZBERG, E. Efeitos psicoterapêuticos do processo psicodiagnóstico: Vivências do psicólogo em formação. **Anais do Congresso Nacional de Avaliação Psicológica**. Porto Alegre, p. 69-82, 1999.

MACHADO, A. M. Exercer a Postura Crítica: Desafios no Estágio em Psicologia Escolar. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 34, n. 3, p. 761-773, set. 2014.

MAHFOUD, M. (Org.). **Plantão Psicológico**: Novos Horizontes. São Paulo: Editora C. I., 1999.

_____. Desafios sempre renovados. In: TASSINARI, M.A.; CORDEIRO, A. P. S.; DURANGE, W. T. (Orgs). **Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2013.

MAZER, S. M.; MELO-SILVA, L. L. Identidade Profissional do Psicólogo: uma revisão da produção; científica no Brasil. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, 30, v n. 2, p. 276-295, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais/Conselho Nacional de Educação – Brasília, 2010.

MONTEIRO, C. A. S. **Plantão Psicológico Centrado na Pessoa**: Democratizando o acesso público à Psicologia. Projeto de Pesquisa – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2016.

NUNES, A. P.; MORATO, Henriette T. P. O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 2-12, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 dez. 2020. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.1>.

PAPARELLI, R.B; M.C. F. NOGUEIRA-MARTINS. Psicólogos em Formação: Vivências e Demandas em Plantão Psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, v. 27, n.1, p. 64-79, 2007.

PAPARELLI, R. B. **Psicólogos em formação**: vivências e demandas em plantão psicológico. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, São Paulo, 2005.

PAULIN, T.; LUZIO, C. A. A Psicologia na Saúde Pública: desafios para a atuação e formação profissional. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n.2, 2009.

PINHEIRO, N. N. B.; DARRIBA, V. A. A clínica psicanalítica na universidade: reflexões a partir do trabalho de supervisão. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 2, p. 45-55, 2010.

PIRES, Ana Cláudia Tolentino; BRAGA, Tânia Moron Saes. O psicólogo na saúde pública: formação e inserção profissional. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 151-162, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 03 dez. 2020.

ROSÁRIO, A. B.; KYRILLOS NETO, F. Plantão Psicológico em uma Clínica-Escola de Psicologia: Saúde Pública e Psicanálise. **A peste**, São Paulo v. 7, n.1, p. 37-48, jan/jun, 2014.

RIBEIRO, J.L.P. A Psicologia da Saúde. In: ALVES, R.F (org). **Psicologia da saúde**: teoria, intervenção e pesquisa. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 23-64. ISBN 978-85-7879-192-6.

RIBEIRO, L. S.; LUZIO, A. Cristina. As diretrizes curriculares e a formação do psicólogo para a saúde mental. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 203-220, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 dez. 2020.

ROSEMBERG, R. (org). **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**: São Paulo. EPU, 1987.

RUDNICKI, T. Psicologia da Saúde: Bases e Intervenção em Hospital Geral. In: RUDNICKI, T.; SANCHEZ, M. M. (org.) **Psicologia da saúde: a prática de terapia cognitivo-comportamental em hospital geral**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

SÁ, R. N., AZEVEDO Jr., O.; LEITE, T. L. Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n.2, p.135-40, 2010.

SANTOS, A. C.; NOBREGA, D. O. Dores e Delícias em ser Estagiária: o Estágio na Formação em Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 515-528, Jun 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000200515&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002992015>.

SCHMIDT, M. L. S. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Dez. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p. 163-173, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Dez. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>.

SEIXAS, P.S. **A formação graduada em Psicologia no Brasil: reflexão sobre os principais dilemas em um contexto pós-DCN**. 2014. 269 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

SOARES, L. M. Plantão Psicológico Gestáltico - A Escrita de uma Experiência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.19, n. 4, p. 997-1017, 2019.

SOUZA, B. N. **Uma experiência de Plantão Psicológico no CTI: semear e acolher**. 2010. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belém, 2010.

SOUZA, B. N.; SOUZA, A. M. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): Saberes e práticas compartilhados. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 241-249, 2011.

SEI, M. B.; PAIVA, M. L. S. C. Grupo de supervisão em psicologia e a função de holding do supervisor. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 2, n.1, p. 9-20, 2011.

SILVA NETO, W. M. F.; OLIVEIRA, W. A. Práticas do Supervisor Acadêmico na Formação do Psicólogo: Estudo Bibliométrico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1042-1058, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401042&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 dez. 2020.

SILVA NETO, W. M. F.; OLIVEIRA, W. A.; GUZZO, R. L. Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 573-582, Dez 2017.

SILVA NETO, W. M. F. **Supervisão de estágio em psicologia escolar**: contribuições da psicologia crítica à formação e prática do supervisor. Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 2014.

SILVARES, E. F. M.; PEREIRA, R. F. O papel do supervisor de pesquisas com psicoterapia em clínica-escola. **Rev. bras.ter. cogn.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 69-73, dez. 2005.

STALIANO, P.; SILVEIRA, M. V.; VANZ, S. NAVARRO, B. B. Plantão Psicológico na Clínica-Escola De Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. **Realização**, p. 33- 45, Dourados, 2017.

STRAUB, R.O. **Psicologia da Saúde**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

TASSINARI, M. A. **A clínica de urgência psicológica**: contribuições da abordagem centrada na pessoa. 2003. 231 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2003.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Psicologia da Saúde. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 22, n. 3, p. 441-448, set. 2004. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312004000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 dez. 2020.